



Epitácio Pessoa/AE

O paciente Leo dá aulas de matemática a Odelita: reintegração à vida produtiva

Associação quer integrar doentes à vida produtiva

LINA DE ALBUQUERQUE

Odelita Duarte não é mais paciente do Centro de Atenção Psicossocial (Caps) — uma clínica psiquiátrica que mantém seus portões abertos na Rua Itapeva — desde agosto do ano passado. Mas mesmo tendo recebido alta, ela não se constringe em voltar para lá quando necessita de algum tipo de apoio ou quer simplesmente conversar. Aos 36 anos, Odelita está revendo as operações de matemática para um concurso de auxiliar de lanchonete promovido pela Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap). As aulas particulares ficaram a cargo de um dos atuais 60 pacientes do Caps.

O estudante de Letras Leo Ramos não é apenas professor de matemática de Odelita. Ele desempenha um importante papel como primeiro-secretário da recém-criada Associação Franco Basaglia, uma entidade fundada pela equipe do Caps e da qual também podem ser sócios pacientes e familiares. A associação surgiu da necessidade de ampliar as atividades realizadas no Caps — um local onde o doente permanece das 8 às 17 horas e depois volta para casa —, desenvolvendo projetos que visam a reintegração de pacientes com problemas mentais na vida produtiva.

Os seus integrantes esperam contar com a ajuda de investimentos da iniciativa privada para implantar ali uma marcenaria, uma copiadora e encadernadora e uma lanchonete destinadas a empregar os pacientes e prover recursos para a sua subsistência. O projeto ainda prevê a construção de moradias para aqueles cuja vida familiar seja insustentável e por esse motivo, acabam muitas vezes internados. Criado há três anos, o Caps é apontado pelos profissionais de saúde mental como o mais avançado centro de atendimento público existente no País. O psicanalista Jurandir Freire Costa, por exemplo, pretende desenvolver neste ano um serviço semelhante no Rio de Janeiro, no Hospital Dom Pedro II. O Caps conta hoje com uma equipe de 14 pessoas, entre psiquiatras, psicólogos, terapeutas e assistentes sociais. Além dos grupos de terapia, psicodrama e eventuais sessões familiares, os pacientes mantêm atividades de música — coordenadas pelo músico Manga, do grupo Premeditando o Breque, que planeja montar uma banda no local —, artes plásticas, teatro e marcenaria.

Quando Alice Incao, de 49 anos, começou a freqüentar o Caps, o seu quadro clínico era de total inatividade: tomava 16 re-

médios por dia, não conversava e tinha tremores. O seu estado de saúde havia piorado depois da permanência no Sanatório Palmares, fechado no ano passado devido a uma série de irregularidades. “Hoje ela retomou o crochê, toma apenas um medicamento e vai sozinha ao Caps”, atesta a sua filha, a revisora Irene, que também se associou à Franco Basaglia. “O que me motivou a freqüentar esse lugar foi a ausência de castigos”, afirma o camelô Sérgio Malheiros, de 40 anos. “Quando estive internado na Casa de Saúde Santana e no Hospital Morumbi, costumava ser amarrado na cama e sedado com remédios como forma de represália.”

Existem aproximadamente cem mil leitos psiquiátricos no Brasil, dos quais quase 40 mil concentrados em São Paulo. Destes, 8.500 são de hospitais públicos e o restante de entidades privadas, a maioria conveniada com o Estado. Um recente levantamento demonstrou que 54% dos internos passava mais de cinco anos nos hospitais. “Precisamos motivar o aparecimento de sistemas alternativos ao modelo de cronificação e exclusão social do paciente”, afirma o psiquiatra Jonas Melman, presidente da Associação Franco Basaglia.